

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

**PRINCIPAIS PROBLEMAS SANITÁRIOS E DIFICULDADES DA CADEIA
PRODUTIVA QUE PREOCUPAM PRODUTORES DE SUÍNOS EM SISTEMA
INDUSTRIAL DE CRIAÇÃO NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL¹
MAIN SANITARY PROBLEMS AND DIFFICULTIES IN THE PRODUCTION
CHAIN THAT CONCERN SWINE PRODUCERS IN A REARING
INDUSTRIAL SYSTEM IN THE NORTHWEST OF RIO GRANDE DO SUL**

**Gisela Olga Hoelscher², Marieli De Fátima Cavalheiro³, Bianca De Lima
Woyciechowski⁴, Natália Bresolin⁵, Alfredo Skrebsky Cezar⁶**

¹ Pesquisa realizada na disciplina de Clínica de Suínos e Aves, curso de Medicina Veterinária da Unijuí

² Aluna do curso de Medicina Veterinária da Unijuí

³ Aluna do curso de Medicina Veterinária da Unijuí

⁴ Aluna do curso de Medicina Veterinária da Unijuí

⁵ Aluna do curso de Medicina Veterinária da Unijuí

⁶ Professor do curso de graduação em Medicina Veterinária da Unijuí.

INTRODUÇÃO

A suinocultura brasileira, a exemplo de outras cadeias produtivas do agronegócio, cresceu significativamente, nos últimos quatorze anos (GONÇALVES, R. G.; PALMEIRA, E. M., 2006). A adequada sanidade, um dos pilares de sustentação da produção de suínos, exige maximizar as medidas preventivas como forma de diminuir riscos e reduzir custos (SONCINI, R. A.; JÚNIOR, S. E. M., 1998).

Entre os fatores com implicações diretas no desempenho reprodutivo e produtivo destacam-se: ambiência, saúde, nutrição, manejo da fêmea pré púbere, manejo na gestação (MAFESSONI, 2014). Dessa forma, as questões sanitárias estão sempre no foco dos produtores e os riscos de doenças que provocam grandes prejuízos são alvo de constante preocupação.

Sendo assim, o trabalho tem como objetivo avaliar os atuais riscos à cadeia produtiva da suinocultura relacionados a eventuais dificuldades no diagnóstico e controle de doenças de suínos em criações industriais do Noroeste do RS.

METODOLOGIA

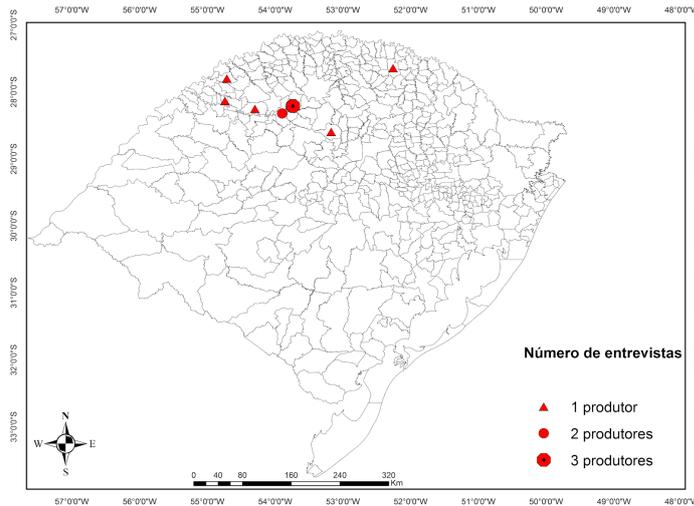
Foram realizadas visitas e entrevistas com 10 produtores de suínos que possuem suas criações com sistema industrial, desenvolvida na região Noroeste do Rio Grande do Sul, conforme a Figura 1. O questionário envolveu questões de múltipla escolha e perguntas descritivas aos produtores. As respostas foram reunidas e categorizadas e os dados foram submetidos a uma análise não paramétrica pelo Teste Exato de Fischer e Qui-Quadrado, com 95% de confiança. As análises



Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

foram desenvolvidas no software SAS.

Figura 1: Municípios dos produtores com sistema de criação industrial de suinocultura.

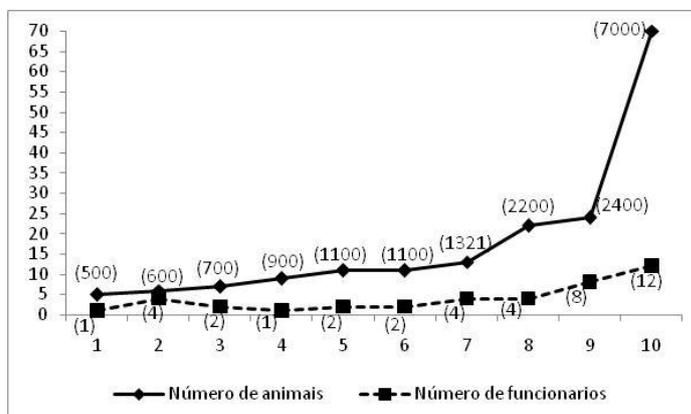


Fonte: Autoria própria, ArcMap.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos entrevistados foram homens (9/10) com idades entre 40 a 50 anos. Em relação ao tipo de produção, a maioria dos entrevistados (70%) produz para recria (terminação) e apenas 20% possuem produção de leitões. Conforme a Figura 2, nota-se que quanto maior o número de suínos na propriedade, maior é o número de empregados envolvidos na criação.

Figura 2: Número de funcionários em relação ao número de suínos na propriedade.



Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

*Letras diferentes apresentam diferença estatística.

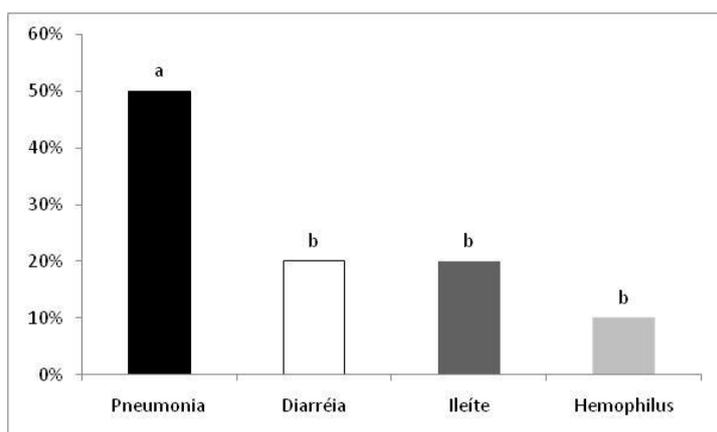
Ao serem questionados sobre as espécies de animais existentes na propriedade, 80% dos entrevistados declararam possuir cães e bovinos, 70% aves e apenas 40% possui gatos e ovinos na propriedade.

Em relação à alimentação dos suínos, 100% dos produtores disponibilizam aos animais ração vinda da indústria. E a origem da água que os animais recebem, 80% dos entrevistados descrevem que a água disponibilizada aos animais é de poço artesiano. Analisando a sanidade dos animais, observou-se que no sistema de criação industrial de suínos, 100% dos proprietários descrevem disponibilizar aos animais vermífugo e programa de vacinação aos suínos.

A situação geral da sanidade do rebanho suíno no Brasil é muito boa se comparada à situação de outros países produtores (Barcellos, 2008). Além das vacinas, medidas de biossegurança e planejamento adequado da produção também são relevantes para a sanidade e prevenção de doenças, de forma a garantir o bem-estar animal e evitar os fatores de risco. Os princípios básicos são reduzir o estresse do animal, limitar o contato entre suínos, manter boa higiene e boa nutrição (AMARAL, 2006).

Em relação às doenças que causam prejuízo ao produtor, conforme a Figura 3, os criadores entrevistados atribuem tais prejuízos a pneumonia seguida de diarreia, ileíte e hemophilus.

Figura 3: Principais doenças que ocorrem nos suínos nas propriedades.



*Letras diferentes apresentam diferença estatística com 95% de confiança.

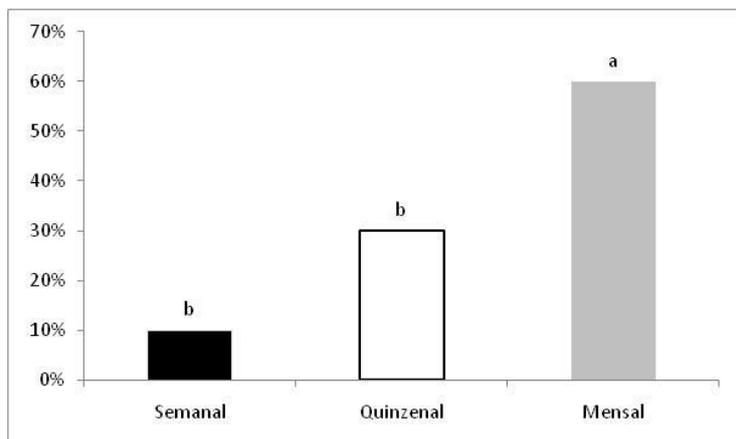
De acordo com os produtores, no que diz respeito às doenças que mais causam prejuízo na região, 50% dos entrevistados descrevem como principal doença a pneumonia, 30% descrevem a diarreia, 30% senecavírus e 20% descrevem hérnias e 10% artrite e meningite. Em relação às doenças mais difíceis de controlar no atual momento 50% dos entrevistados mencionam a pneumonia, 30%

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

diarréia hemorrágica e 10% encefalite e circovírus.

Em relação à assistência veterinária, todos os entrevistados possuem assistência, sendo 90% disponibilizada pelas integradoras e 10% a assistência particular. De acordo com a Figura 4, a maioria das propriedades recebe assistência veterinária uma vez ao mês, enquanto que apenas uma propriedade recebe visitas semanais. Quando questionados se a frequência de visitas de médicos veterinários era suficiente, 80% afirmaram que a frequência de visitas do médico veterinário era suficiente e 20% (2/10) ser insuficiente, necessitando de mais visitas.

Figura 4: Frequência das visitas do médico veterinário a criação de suínos.



*Letras diferentes apresentam diferença estatística com 95% de confiança.

Ao serem questionados em relação as ações que os governos deveriam realizar para melhorar a cadeia produtiva da suinocultura, as principais respostas foram:

“diminuir as barreiras burocráticas na comercialização de produtos de origem animal”;

“diminuir a burocracia para comercialização de produtos suínos”;

“melhorar as entradas e diminuir a carga tributária”

“Os governos deveriam diminuir a burocracia na comercialização de suínos e derivados”

Segundo Soncine e Madureira (1998) a sanidade é considerada um dos pilares de sustentação da produção de suínos, sendo necessário maximizar as medidas preventivas como forma de diminuir riscos e reduzir custos, usando assim medidas como a biosseguridade, programas de vacinação, medicações profiláticas, programas de limpeza e desinfecção.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os produtores com criações industriais têm acesso a um rígido programa de controle sanitário devido às exigências da cadeia produtiva da suinocultura industrial.

Os produtores reivindicam mais apoio e incentivos governamentais, bem como desejam a diminuição de barreiras ditas “burocráticas” à comercialização do produto. Nesse aspecto, é importante ressaltar que esse pensamento conflita, de certa forma, com a garantia de qualidade dos produtos da indústria suinícola brasileira, que atualmente está entre as melhores do mundo. Nesse sentido, percebe-se que é importante manter os programas de controle sanitário e reforçar sua necessidade junto aos produtores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. L. et al. Boas práticas de produção de suínos. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2006. 60 p. (Circular Técnica, 50).

BARCELLOS, D.E.S.N., et al. Avanços em programas de biossegurança para a suinocultura. Porto Alegre. Acta Scientiae Veterinariae. 36 (Supl 1): s33-s46, 2008.

GONÇALVES, Rafael Garcia; PALMEIRA, Eduardo Mauch. Suinocultura brasileira . Observatorio de la economia latinoamericana , n. 71, dez. 2006.

MAFESSONI, E. L; Manejo. In: Manual prático para produção de suínos. Guaíba; Agro livros, 2014, cap.5, pg 111-114.

SOBESTIANSKY, J . 2002. Sistema Intensivo de Produção de Suínos: Programa de Biossegurança. Goiânia: O Autor. p. 108

SONCINE, R. A e MADUREIRA, S. J; Monitorias Sanitárias. In: SOBESTIANSKY, J. et al. Suinocultura Intensiva: Produção, manejo e saúde do rebanho. Brasília, 1998, cap.5, pg. 93